

Metaplasmos: um paralelo diacrônico e sincrônico.

Ruy Magalhães de Araújo (UERJ)

Num sistema lingüístico, tudo é transformação, tudo é evolução, através de uma dinamização de sincronias até chegar-se à diacronia.

A língua de ontem não é a de hoje e esta não será a de amanhã.

Nessa perspectiva, a língua portuguesa, desde o seu nascimento, igualmente sofre essas mudanças, as quais se vão refletir em todos os setores de sua estrutura, incluindo-se as transformações fonéticas das suas palavras.

Alguns dicionários, dentre os quais o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, 1ª edição; e o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2004, 3ª edição, definem, respectivamente, metaplasmo na rubrica retórica como um desvio da correta composição fonética da palavra, assim aceita em face da métrica e do ornamento; e na rubrica lingüística como a designação comum a todas as figuras que acrescentam, suprimem, permutam ou transpõem fonemas nas palavras.

Metaplasmo, do grego $\mu\epsilon\tau\alpha$ = além + $\pi\lambda\alpha\sigma\mu\acute{o}\varsigma$ = formação, *transformação*, é o estudo das modificações fonéticas dos vocábulos através de sua evolução. Sua finalidade é a eufonia.

Muitas vezes, surgem exemplos onde se comprova também a contribuição dos morfemas, como é o caso de café+z+al>cafezal e

chá+l+eira>chaleira, por epêntese; in+aptu>ineptu>inepto e in+barba>imberbe, por apofonia.

Em outras ocasiões, a mesma figura aparece em situações diferentes, a saber: talatru<*taladro<*taadro<*tadro>traado>trado (dissimilação e metátese); remusgar>resmungar (hipêntese).

Diversos outros exemplos de alterações fonéticas, disso resultando vários tipos de metaplasmos, merecem ser considerados na fala vulgar dos usuários da Língua Portuguesa, tanto de Portugal quanto do Brasil, sendo que no último caso é de notar-se alguns registros ocorridos entre componentes de populações rurais brasileiras e de baixo nível cultural, assim como em determinados grupos sociais que usam a língua de maneira informal e despreocupadamente. Podem ser:

*Por subtração:

a) aférese – desaparecimento de fonema no início do vocábulo:

germanum>ermano>irmão

apothecam>bodega

horologium>relogeo>rellogios>relogyo>relojo>relójo>relógio

Na fala vulgar, comprovam-se as seguintes pronúncias: [tadinho] e [tadim] (este último também com apócope); [rança] por [ar-ranca]; [pagou] por [apagou]; [cabou] por [acabou]; [cendi] por [a-cendi]; [magima] por [imagina]; [rependeu] por [arrependeu]; [lambique] por [alambique]; [benzim] por [benzinho], etc. Nos diálogos informais: [brigado] por [obrigado]; [ta] por [está]; [to] por [estou], etc.

b) síncope – desaparecimento de fonema no interior do vocábulo:

legalem>leale>leal

amatis>amades>amaes>amais

pelagum>peego>peguo>pego

colubram>coobra>cobra

Também se comprovam as seguintes pronúncias entre populações rurais:

[pesco] por [pêssego]; [musca] por [música]; [isprito] por [espírito]; [Jerômo] por [Jerônimo]; [ridiclo] por [ridículo]; [oiá] por [olhar]; [caia] por [calha]; [gaio] por [galho]; [orvaio] por [orvalho]; [fio] por [filho]; [corgo] e [coigo] por [córrego], etc.

É digno de registro o fato ocorrido com o gerúndio. As formas a que nos permitimos chamar de: ano, eno, ino comprovam-se, para exemplificar, nas três conjugações em usos como: [estudano] por [estudando]; [correno] por correndo; [partino] por [partindo].

Outra modalidade de síncope é a haplogogia que consiste na supressão de uma de duas sílabas iguais ou semelhantes:

tragicocomédia>tragicomédia

idololatria>idolatria

bondadoso>bondoso

c) apócope – é o desaparecimento de fonema no final do vocábulo:

dare>dar

mare>mar

male>mal

capitalem>capitale>capital

arborem>arbore>árvore

Também se comprovam, dentre outros exemplos, no meio rural: [cárcer] por [cárcere]; [mármor] por [mármore]; [mulé] e [muié] por [mulher], etc.

d) crase – é a fusão de duas vogais idênticas em apenas uma:

pedem>pee>pé

dolorem>door>dor

nudum>nuu>nu

fidem>fee>fé

Quando a crase ocorre pela junção da vogal final de uma palavra com a vogal inicial de outra, em expressões consideradas de formação composta, a ela se dá o nome de sinalefa:

de+intro>dentro

de+um>dum

de+ex+de>desde

outra+hora>outrora

*Por aumento:

a) prótese – é o surgimento de fonema no início do vocábulo:

stare>estar

nanu>anão

spiritum>espírito

spasnum>espasmo

namorar>enamorar

Na fala rural:

b) epêntese – é o aparecimento de fonema no meio do vocábulo:

stella>estrela

masto>mastro

cravelha>caravela

tetravô>tataravô

café+z+al>cafezal

sinum>seo>seio

Tem-se notado na linguagem informal a variante [ad(i)vogado] e [ad(e)vogado] por [advogado].

Nas zonas rurais, comprovam-se: [Ingal(a)terra] por [Inglaterra]; [rec(u)luta] por [recruta]; [g(a)rampo] por [grampo]; etc.

Modalidade de epêntese, o suarabácti (ou anaptixe) consiste na inserção de uma vogal para desfazer um grupo consonantal:

planu>plão>prão>porão

blatta>bratta>brata>barata

c) Epítese (ou paragoge) – é o surgimento de um fonema no fim do vocábulo:

ante>antes

mihi>mi>mim

sic>si>sim

*Por transposição:

a) Metátese – Alguns autores não fazem distinção entre metátese e hipétese, considerando a ambas como permutação de fonemas ou sílabas dentro do mesmo vocábulo. Entendemos, todavia, que esses metaplasmos comportam denominações diferentes.

Assim, metátese é a transposição de fonema na mesma sílaba:

semper>sempre

inter>entre

pro>por

Entre as populações rurais, mormente as que fazem parte do chamado dialeto caipira, verificam-se as seguintes pronúncias; [per-ciso] por [preciso]; [pertende] por [pretende]; [purcissão] por [pro-cissão]; [partelera] por [prateleira], etc.

b) Hipétese – é a transposição de fonema em sílaba diferente:

tenebram>treva

primarium>primairo>primeiro

rabiam>raiva

hirundinam>andorinha

Na fala vulgar, observam-se ainda os seguintes registros: [po-brema] por [problema]; [bicabornato] por [bicarbonato]; [largata] por [lagarta]; [cardaço] por [cadarço]; [agordão] por [algodão]; [sastis-fação] por [satisfação], etc.

c) Sístole – é a transposição do acento tônico para a sílaba anterior:

erámus>éramos

idólu>ídolo

campâna>campa

d) Diástole – é a transposição do acento tônico para a sílaba posterior:

diafâno>diáfano

océanu >oceano

límite> limite

A sístole e a diástole levam o nome de hiperbatismo.

*Por permuta:

a) Assimilação – é a aproximação ou perfeita identidade de dois fonemas, por força de influência que um exerce sobre o outro:

vostrum>vostro>vosto>vosso

antenatum>anteado>enteado

Pode ser:

Vocálica – quando o fonema assimilado é uma vogal:

palumbam>paomba>poomba >pomba

calentem>caente>queente>quente

novac(u)lam >navalha

Consonantal – quando o fonema assimilado é uma consoante:

personam>persõa>persoa>pessoa

verlo>vello>vê-lo

ipsum>isso

Total – quando o fonema assimilado é igual ao assimilador:

mirabilia>maravilha

per+lo>pello>pelo

persicum>persicu>pesseco>pêssego

Parcial – quando existe apenas semelhança entre o fonema assimilado e o assimilador, não existindo, contudo, completa identidade:

aurum>ouro

limite>limte>linde

comite>comte>conde

Progressiva – quando o fonema assimilador se acha em primeiro lugar:

Amaramlo>amaram-no

mol(i)narium>mollario>*mollairo>molleiro>moleiro

Regressiva – quando o fonema assimilador se acha depois:

caseum>capseu>caseo>queso>queixo>queyio>queyjo>queijo

*ersa>eça>essa (catafalco)

reversum>reverso

Também se dá assimilação pela influência de uma consoante sobre a vogal:

famem>fame>fome

cognatum>cognata>cunado>coynado>cuñado>cunhado

reginam>raina>rayna>reínnna>reÿa>arreyna>rrainha>reya>rainha

b) Dissimilação – é a diversificação de um fonema pelo fato de já haver outro igual ou semelhante no vocábulo:

calamellum>caramelo

aratrum>arado

Pode ser:

Vocálica – quando o fonema dissimilado é uma vogal:

*potionea>peçõha>poconhas>pomsonha>peçonha

*maniana>menhã >mannaa>manhãa>manhã

rotundum>retundus>redondo

Consonantal – quando o fonema que é dissimilado é uma consoante:

memorare >membrar>lembrar

animam>aalma>allma>alma

rastrum>rasto

animalia>alimária

Progressiva – quando o fonema dissimilado se acha depois do dissimilador:

Bracara>*Bracala>Braga

rostrum>rosto

Regressiva – quando se dá o contrário:

libellu>livel>nível

parabola>paravra>palavra

melimellu>marmelo

c) Vocalização – é a transformação de uma consoante em semivogal:

nocte>noite

regnu>reino

multu>muito

b) Consonantização – é a transformação de uma vogal em consoante.

Acontece com as semivogais /i/, /u/ latinas, que passam, respectivamente, a /j/, /v/, ramistas:

iacere<jazer

Iesus<Jesus

uita<vita

e) Crase – é a fusão de duas vogais idênticas:

pede<pee<pé

colore<coor<cor

nudu<nuu<nu

f) Nasalização – é a transformação de um fonema oral em nasal:

mihi>mii>mi>mim

nec>ne>nem

bonum>bom>>boa>boo>buu>boons>boom>bom

mater>madre>*made>mae>mãy>mãe>mãi>maj>maỹ>mãe

É pertinente transcrevermos Ismael de Lima Coutinho, *Gramática Histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976, p. 145: “Em todos esses casos, a nasalação se explica pela nasal anterior.”

g) Desnasalização – é a transformação de um fonema nasal em oral:

luna>lũa>lua

bona>bõa>boa

h) Sonorização (ou abrandamento) – é a passagem de uma consoante surda à sonora:

lupu>lobo

vita>vida

aqua>água

i) Palatização – é o surgimento de uma consoante palatal:

oculu>oclu>olho

palea>palha

pluvia>chuva

j) Assibilação – é a transformação de uma consoante oclusiva velar em constrictiva sibilante:

lancea>lança

minacia>ameaça

A assibilação também se dá com uma consoante linguodental:

audio>ouço

oratione>oração

l) Ditongação – é a passagem de um hiato ou de uma vogal a ditongo:

go:

malo>mao>mau

arena>area>areia

sto>estou

m) Monotongação (ou redução) – é passagem de um ditongo a uma vogal:

auricula>orelha

lucta>luita >luta

fructu>fruito >fruto

n) Apofonia ou deflexão – é a mudança sofrida por uma vogal da sílaba inicial do vocábulo por influência de um prefixo:

*ad+cantu>accentu>acentu

in+barba>imberbe

sub+jactu>subjectu>sujeito

per+factu>perfectu>pefeito

o) Metafonia ou alternância vocálica – é a mudança do som ou do timbre de uma vogal pela influência de outra, por via de regra, também, das semivogais /i/, /u/:

tepidu>tíbio

totu>todu>tudo

debita>dívida

decima>dízima

cobre >cubra (v. cobrir)

osso>ossos

Em face do exposto, conclui-se que os metaplasmos, por serem alterações fonéticas verificadas nas próprias palavras da língua, emigram e peregrinam através do tempo, até permanecerem essas alterações estáticas por algum período, e outra vez se modificam, tudo ao sabor do uso dos falantes, dentro de seqüências diacrônicas e sincrônicas.

Referências Bibliográficas

ALI, Manuel Said. Gramática Histórica da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

AMARAL, Amadeu. O Dialeto Caipira. São Paulo: HUCITEC-SCET-CEC, 1976.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. Edição Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999

CÂMARA JR. Joaquim Matoso. Dicionário de Lingüística e Gramática. Petrópolis: Vozes, 1977.

CÂMARA JR. Joaquim Matoso. História e Estrutura da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CARDOSO, Wilson e CUNHA, Celso. Estilística e Gramática Histórica. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática Histórica. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 3. ed. revista e atualizada, Curitiba: Objetivo, 2004.

FIGUEIREDO, Cândido. Novo dicionário da língua portuguesa. Lisboa: Bertrand, 14. ed. 1949. 2 volumes.

FREIRE, Laudelino. Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: A NOITE, 1949. 5 volumes.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

- MACHADO, José Pedro. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Lisboa: Confluência, 1956-1959.
- MELO, Gladstone Chaves de. A língua do Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 1971.
- MENDONÇA, Renato. O português do Brasil. Origens, evolução, tendências. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
- SILVA NETO, Serafim da. Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil. Rio de Janeiro: INL, 1963.
- SOUSA DA SILVEIRA, Álvaro Ferdinando. Lições de Português. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1972.
- VIEIRA, Domingos (Frei). Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa. Porto: Chardron e B.H. Morais, 1871-1874. 5 volumes.
- VITERBO, Frei Joaquim de Santa Rosa de. Elucidário. 2. ed. Edição Crítica. Porto: Civilização, 1865. 2 volumes.
- WILLIAMS, Edwin B. Do latim ao português. Trad. De Antônio Huaiss. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.